

0 Mundo

A busca da realidade essencial

Deitado em seu berço, um bebê olha encantado um móvel colorido girando sobre ele, enquanto suga prazerosamente os dedinhos do pé, em um processo de descoberta do próprio corpo e do mundo ao seu redor. Suas expressões corporais e olhinhos atentos e curiosos parecem querer dizer: "o que é isso que experimento a cada instante? o que é essa coisa que escuto e vejo, que sinto pelo nariz, pela boca ou por toda a pele? como tudo isso funciona?" Como você pode perceber, investigar o mundo em que vivemos é uma experiência humana básica e necessária para nossa adaptação à vida, à existência. No entanto, com o passar do tempo, depois de aprender o que parecia ser mais relevante para a própria subsistência, a maioria das pessoas tende a esquecer esses momentos de encantamento e descoberta da realidade.

O que é o ser

Definir o substantivo ser no contexto filosófico é uma tarefa bastante delicada. Como se observa em relação a vários outros conceitos filosófico, Cada pensador deu uma pincelada, tirou ou acrescentou algo, as vezes até colocando suas distintas interpretações em contradição. E quanto mais abstrato o conceito, mais isso parece ocorrer. No entanto, podemos dizer, de maneira simplificada, que ser é um termo genérico usado para se referir a qualquer coisa que é, qualquer coisa que existe - por exemplo, um homem, uma mulher, um pássaro ou uma pedra.

Problemas da realidade

Como são essencialmente as coisas? Algumas pessoas olham um cachorro e veem apenas um ser que é como uma máquina biológica que está aí para nos ajudar ou incomodar. Outras enxergam esse mesmo cão como um ser inteligente e sensível, com direitos semelhantes aos dos humanos. Algumas pessoas olham o céu e pensam em um espaço repleto de corpos siderais. Outros fazem o mesmo e entendem que nele existem seres sobrenaturais, Deus ou deuses, anjos etc. Algumas pessoas veem um copo com água pela metade e entendem que está meio cheio; outras, que está meio vazio.

Devir ou vir a ser

Quando pensamos que todo ser deve ter uma substância, isto é, uma realidade necessária e constante, estamos observando a permanência nas coisas, aquilo que não varia (ou que supomos não variar). Por exemplo: os três lados do triângulo, que brancura do leite, a mortalidade dos seres vivos. Essa foi a tendência predominante da filosofia (e, depois, das ciências) desde Sócrates.

Causa ou causalidade

Até agora estávamos trabalhando alguns conceitos metafísicos vinculados à pergunta "o que?". Também tendemos a perguntar "por quê?". Ao fazer isso, estamos investigando as causas-ou, em metafísica, as causas primeiras, fundamentais. Como escreveu Aristóteles, "não acreditamos conhecer nada antes de ter apreendido cada vez o seu porquê (isto é, apreendido causa)"

Fim ou finalismo

Na outra ponta da investigação sobre a realidade, podemos situar a pergunta "para acontecimento quê?", formulada quando buscamos o fim das coisas, isto é, objetivo para o qual apontam os seres, os acontecimento ou as ações. Alguns pensadores procuraram encontrar as múltiplas finalidades que os seres pudessem ter, bem como o fim último do universo ou da existência. Formularam, assim, doutrinas denominadas finalidades. No finalismo, o fim tende a adquirir um estatuto especial, pois assume o lugar de princípio explicativo para a existência, a organização e as transformações dos seres. As doutrinas finalistas também são conhecidas como teleológicas, palavra derivada do substantivo grego télos, que significa "Fim".

DO MITO À CIÊNCIA

Visões de mundo através da história

Agora que você já tem uma ideia geral sobre a profunda investigação da realidade efetuada pela metafísica, vejamos algumas explicações sobre o mundo formuladas por diversos grupos humanos ao longo da história. Entre as mais antigas explicações conhecidas encontram-se as lendas e os mitos de culturas muito antigas-egípcia, indiana, chinesa, grega, romana, asteca, maia, entre outras-e suas respectivas cosmogonia ou cosmogêneses, exposições sobre a origem e a formações do universo.

Primeiras cosmologias

A partir do século 7 a.C, os primeiros filósofos gregos - conhecidos como pré-socráticos-iniciaram um processo de ruptura com as explicações míticas e antropomórficas do universo. A nova tendência era buscar argumentos baseados na observação do mundo natural e no uso da razão para formar um sistema coerente de concepção.

Busca da arché

A investigação empreendida pelos pensadores pré-socrática caracterizou-se principalmente pela busca da arché, palavra grega que significa literalmente "o que está na frente, a origem, o começo". A arché pode ser entendida como:

1. Realidade primeira: que deu origem a tudo o que existe;
2. Subtrato: fundamental que compõe as coisas;
3. Força ou princípio: que determina todas as transformações que ocorre nas coisas. Como vimos, a ideia de que todos os seres da natureza provêm ou participam de uma inidade pro primordial já estava presente nas diversas cosmogonia.

Metafísicas gregas clássicas

No século 4 a.C., período clássico da filosofia grega, Platão procurou explicar a realidade concebendo a existência de dois mundos separados. O mundo sensível: correspondendo às ideias, que é temporário e ilusório. Que é eterno e verdadeiro; Dissolução do cosmos A partir do século xv, iniciou-se uma série de transformações nas sociedades europeias comumente relacionadas com a construção de uma nova mentalidade, isto é, uma nova maneira de entender as coisas, o mundo. No plano cultural, o movimento que acompanhou, expressou e sustentou essas mudanças ficou conhecido como Renascimento.

Matematização da natureza

Os pensadores modernos também desenvolveram uma visão da natureza baseada na geometrização do espaço e, portanto, na matematização dos fenômenos naturais. Por exemplo, o fenômeno do movimento começou a ser pensado em termos das relações espaço-tempo e impulso-duração, expressas em linguagens geométricas ou matemática.

O debate entre materialistas e idealistas

Após esse resumo histórico sobre distintas concepções de mundo - desde os mitos até o surgimento da ciência moderna, passando brevemente pelas metafísicas da Antiguidades- podemos avançar para o estudo das metafísicas da modernidade. Boa parte das explicações sobre o real filósofo, pode ser enquadradas nestas duas tendências ou correntes de interpretação.

Idealismo Absoluto

No séc.: XIX, o filósofo alemão Friedrich Hegel (1770-1831) concebeu uma ontologia radicalmente distinta, se não oposta ao materialismo hobbesiano. Para ele, o mundo seria o desdobramento de um espírito abrangente que se estaria realizando no tempo. Desse modo, Hegel identificava a ideia ou o espírito com toda a realidade.

Como se concebe o mundo hoje em dia

A metafísica como área de investigação da realidade não tem, atualmente, o mesmo prestígio do passado. No entanto, o problema do mundo e de como são realmente as coisas ressurgem continuamente em diversas áreas de atuação humana, mesmo quando não é abordado diretamente. Ou seja, reaparece como pressuposto, conformando implicitamente uma tese ontológica.

Enfoques não reducionistas

O paradigma reducionista - mecanicista estabelecido com o surgimento da ciência moderna tem encontrado, no entanto, dificuldades para ser mantido, principalmente em algumas áreas de investigação, como a biologia, a ecologia, a psicologia, a sociologia e a linguística, e mesmo na física.

Papel de Observador

Com os novos paradigmas da época atual, que costuma ser denominada pós-modernidade, o mundo tende a ser concebido de uma maneira menos linear, ordenada ou determinista, havendo mais espaço para o acaso e o caos. Para culminar, o observador, o sujeito da experiência e do conhecimento- ganhou papel determinante na experiência do real. É o que diz a teoria da relatividade e o que a física quântica leva a pensar, segundo propõem alguns cientistas e pensadores. Desse modo, a consciência tende a recuperar seu lugar no mundo.

